

# O ATO DE MATAR E O ATO DE NARRAR: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA A CONTRAPELO.

## THE ACT OF KILLING AND THE ACT OF NARRATING: THE CONSTRUCTION OF THE HISTORICAL NARRATIVE AGAINST THE GRAIN.

*Caio Nunes da Cruz*

Graduando no Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade do Estado de São Paulo - UNESP

Recebimento: 19/06/2017

Aprovação: 30/11/2017

### Como citar este ensaio:

CRUZ, Caio Nunes da. O ato de matar e o ato de narrar: a construção da narrativa histórica a contrapele. In: **Revive** – Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.3, n.2, p. 43-48, jun./dez.2018. ISSN 2525-8036. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revive/index>>

Carlos Drummond de Andrade (1978 p.14) em seu poema “A flor e a Náusea”, angustiadamente declama: “Preso a minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta”. Ainda angustiadamente, reformulo os versos: “Preso a minha classe e a algumas correntes do MEU tempo, vou de branco pela rua escura”, e pergunto, que correntes me prendem ao tempo, e por que a rua está escura? Para Drummond a feia flor irrompe com o tédio e a náusea de seu tempo, produzindo uma desconexão entre o tempo pobre e o poeta pobre que antes fundiam-se no mesmo impasse. Para nós, o que hoje seria a flor, e quais os métodos para produzir essa desconexão? Giorgio Agamben, em seu ensaio “O que é contemporâneo” (2009) nos ajuda a pensar um pouco essas questões. Para ele, é necessário nos perguntarmos de que, e de quem somos contemporâneos, pois assim podemos nos atrever a nos posicionarmos diante de nosso tempo, do nosso presente.

Ser contemporâneo, para Agamben, é ser intempestivo, é ter a habilidade de manter “fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62), é uma relação singular com o próprio tempo, “é uma relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação de um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Drummond então nos aparece como contemporâneo, pois consegue manter uma visão sobre seu tempo, e o mais importante, sobre os aspectos escuros de seu tempo, sua poesia é expressão disso, por isso até hoje

quando o lemos, sentimos essa sensação de proximidade, de atualidade. Continuando, são raros os indivíduos que conseguem produzir esse anacronismo em relação ao seu tempo, e a pergunta permanece, como caracterizar o nosso tempo hoje? Ele prossegue em seu texto e diz:

“O contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz é também aquele, dividindo e interpolando o tempo, está a altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de citá lá segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência a qual ele não pode responder”. (AGAMBEN, 2009, p. 72)

A partir dessas considerações sobre o que é o contemporâneo, e o que significa ser contemporâneo, trago como objeto de análise o documentário “*The Act of Killing*” (2012) do diretor americano Joshua Oppenheimer, um filme que nos ajuda e muito a pensar o nosso tempo e as contradições da modernidade, entretanto, não dialogando somente com o tempo em que foi produzido, mas justamente fazendo uma conexão com um tempo distante, a Indonésia dos anos 1960. O documentário de Joshua trabalha os anos de 1965-66, quando mais de 1 milhão de pessoas foram mortas por milicianos contratados pelo governo do ditador Suharto. O objetivo de Suharto era expurgar os "comunistas" do jogo político, eliminando a base do Partido Comunista da Indonésia (PKI) e promovendo a transição para a nova era da ditadura militar. O documentário de Oppenheimer convida os milicianos a recontarem as histórias de seus assassinatos, as performatizando-as e utilizando a narrativa e os recursos que desejarem, possibilitando que esses próprios milicianos trabalhem as tensões existentes entre suas memórias e o resultado de suas ações na história da Indonésia. “*The Act of Killing*” não somente nos possibilita uma reescrita desse período que diverge da historiografia oficial tradicional, mas também lança luzes sobre as possibilidades da reconstrução da história através de uma leitura materialista.

Para pensarmos essas questões, utilizamos Walter Benjamin (1892-1840), outro autor que se desloca de seu tempo, e parece ter muito a nos dizer hoje sobre como se constituiu o nosso tempo e oferece uma possibilidade de reescrita da história a partir de sua crítica. Utilizaremos então as contribuições sobre a história e a narrativa de Walter Benjamin (2012) para podermos pensar como Joshua Oppenheimer em “*The Act of Killing*” operou uma total reconstrução da narrativa histórica desse período da indonésia pela história dos vencidos, e como nos diz o autor, a contrapelo. Primeiro, passemos a entender quais são essas contribuições de Benjamin, e o que ele tem a nos dizer.

Walter Benjamin é um autor enigmático. Seus escritos quase nunca tomaram a forma de textos claros e diretos, como manda o rigor científico, ao contrário, sua escrita sempre seguiu por caminhos distantes das normas acadêmicas. O ensaio, o aforisma, o fragmento, esses foram os estilos privilegiados por Benjamin para a transmissão de suas ideias. A totalidade de sua obra é como um quebra-cabeça, um mosaico que mesmo após meio século, nos oferece dificuldades na reconstrução e um potencial muitas vezes mal compreendido. Benjamin escapou, pelo estilo, e pelas referências, da tradicional vida de scholar, era antes tudo, um apaixonado, pela literatura e pela revolução. Por suas paixões, terminou sendo muitas vezes, diminuído dentro do debate acadêmico, sua obra terminou por ser classificada, ora em desordem anacrônica, ora em poesia idealista, ora em materialismo romântico. Entretanto, essas leituras de sua obra têm sido colocadas em xeque, e seus escritos têm reaparecido nos debates acadêmicos com um novo folego. As inúmeras contribuições de Benjamin para o estudo da literatura, do cinema, e das artes em geral, são geralmente tomadas no protagonismo dos debates, Walter Benjamin já é um autor consagrado nos estudos da crítica literária e nos estudos sobre fotografia e cinema. Entretanto, em detrimento desse reconhecimento, outros aspectos do autor têm ainda sido tratados de forma marginal dentro das ciências sociais, em especial, sua teoria da história continua a figurar em segundo plano nas discussões de sua obra, como nos diz Jeanne Marie Gagnebin:

“Um dos grandes buracos negros do pensamento de Benjamin é certamente, e apesar de várias interpretações simpáticas, sua teoria da história, mais especificamente da escritura da história e de sua ligação com uma prática transformadora, ao mesmo tempo redentora e revolucionária.” (GAGNEBIN, 1994, p. 1)

Para Benjamin, a História era o principal objeto e o principal incômodo. Para o autor, as formas de se produzir as narrativas históricas precisam ser problematizadas. Em suas teses “Sobre o Conceito de História” (1940), Benjamin nos deixa de testamento, uma série de problematizações e indicações sobre como podemos (Re) escrever a história de uma forma revolucionária.

Segundo Walter Benjamin (2012, p. 248), o tempo “vazio” e “homogêneo” é criação de uma historiografia construída por uma crença no progresso humano, é por excelência o tempo dos historicistas positivistas, e dos historiadores das classes dominantes. Essa noção de história joga na tradição o movimento da história. A história, entretanto, é um devir, não construído a partir de uma sucessão causal de fatos, mas um espaço de transição e realização. O movimento da história é dialético. Logo, a forma de construir uma historiografia que “faça explodir para fora do *continuum* da história” (BENJAMIN, 2012, p. 249) necessita de um método diferente, e o materialismo

histórico é esse método, pois ao entender o movimento da história pela luta de classes, entende que o progresso e a tradição, são ferramentas das classes dominantes, e que o objetivo messiânico da história só se realiza através desse “salto de tigre em direção ao passado” (BENJAMIN, 2012, p. 249). Em oposição a esse conceito de história, Benjamin propõe a construção de um conceito de história diferente, para ele “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o preenchido de ‘tempo de agora’ (*Jetztzeit*).” (BENJAMIN, 2012, p. 249).

Segundo Rocke (1985, p.17) Benjamin não pretendia continuar a escrever história dentro de uma perspectiva historicista, com o acréscimo de alguns dados da esfera econômica. Para ele, tratava-se de uma revolução metodológica e também do modo de fazer a exposição. Assim, a historiografia assumia conscientemente o papel de uma práxis política do presente (o que o historicismo implícita e tacitamente também fazia, só que no sentido de beneficiar os governantes do presente). (ROCKE, 1985, p. 18) A tarefa do messias, a “nossa tarefa”, é redimir no presente toda sorte dos oprimidos anteriores a nós, completar essas tarefas que nos foram legadas, e a evolução para Benjamin não se constrói no futuro, mas no presente, como um movimento de redenção de todos aqueles que sofreram no passado. O “tempo de agora” de Benjamin, é a construção desse tempo que dá um salto ao passado, o rememora e o “cita” no presente, o redimindo. Segundo Benjamin: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo.” (BENJAMIN, 2012, p. 243). Para o historiador materialista, a construção da pesquisa histórica, entendendo esse movimento dialético da relação do presente com o passado deve ser narrada de forma a nos não focar grandes nomes, ou fatos históricos, mas ao contrário, “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. (2012, p. 243)

A modernidade para Walter Benjamin (2012, p. 197) se caracteriza então pela ruptura do modelo de narração e do surgimento do modelo do romance, a narrativa pertencente a uma experiência coletiva, que se reproduzia de forma oral e tinha seu *locus* na tradição, agora dava lugar ao romance, focando na experiência individual, reproduzida pelas novas técnicas e transformada em mercadoria. Assim, a história, antes entendida como potência e realização messiânica, agora dá lugar a uma história dos vencedores, dos heróis, especificamente positivista. O projeto messiânico de Walter Benjamin incide na recuperação da narrativa e da experiência coletiva na reescrita da história, par assim redimir as gerações passadas e realizar a revolução.

Joshua Oppenheimer com o seu “*The Act Of Killing*” (2012) opera um processo de construção da narrativa que se afasta da forma positivista que é hegemônico no cinema documental.

Não são os fatos históricos que o interessam, mas as narrativas e suas representações. Essa ruptura já demonstra um esforço em produzir uma crítica do modelo de história positivista e suas reproduções no audiovisual. O filme em si, produzido pelas encenações das narrativas dos milicianos vai se construindo a cada nova interpretação que eles produzem de suas narrativas, assim, os próprios milicianos vão desconstruindo uma historiografia oficial produzida e reproduzida na Indonésia por mais de 1940 anos: os comunistas foram exterminados porque eles eram o mal. “*The Act of Killing*” (2012) pode ser entendido como um filme que cumpre um papel de “politização da arte”. Suas consequências estão dentro do projeto revolucionário messiânico. Depois de seu lançamento, a repercussão do filme foi tanta, que sua exibição na Indonésia foi proibida, e isso motivou uma série de indivíduos, na maioria filhos dos comunistas assassinados durante o regime, a promover sessões clandestinas de exibição do documentário. “*The Act Of Killing*” está contribuindo para a redenção dos milhões de mortos nos anos 1965-1966, e ainda mais, ao dar tal “salto de tigre” ao passado e cita-lo na ordem do dia, resgata um legado histórico e uma promessa redentora que deve ser realizada. A juventude Indonésia, em meio a muita luta e repressão, está se encarregando de tal tarefa nos dias de hoje.

Assim, espero ter conseguido mostrar como é possível a partir das contribuições teóricas de Walter Benjamin (2012), produzir uma análise do filme “*The Act of Killing*” (2012), e mostrar como ele trabalha com um processo social tão complexo como o que foi a transição ditatorial na Indonésia nos anos 1960. A teoria de Walter Benjamin nos ajuda a construir ótimas ferramentas de análise para interpretar o mundo social, seu escopo sociológico permanece como uma crítica da modernidade, e que deve ser resgatada nos dias de hoje, para assim podermos perceber quais são as correntes de nossos tempos, e podermos manter fixo o olhar sobre o escuro de nosso tempo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro, 1978.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 8º ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, Vol 1)

BENJAMIN, Walter. **SOCIOLOGIA**. Flávio R. Khote (Org). São Paulo: Ática. 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva; Campinas: Ed da Unicamp. 1994

LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

LOWY, Michael. **A estrela da manhã**: Surrealismo e Marxismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

THE ACT OF KILLING. Direção e produção de Joshua Oppenheimer. Reino Unido, Dinamarca, Noruega, 2012. Disponível em: <<https://youtu.be/3tLLiqotj7Y>>. Acesso em: 19 nov. 2016.